

"Que fazeis de especial?" - Jesus (Mateus 5,47)

"Espiritismo e personalismo são dois pólos que não se tocam." - Célia Xavier



Associação Espírita Célia Xavier

Conheça Aqui!

CONHEÇA AQUI! Nº 228 / 14 de junho de 2019

decx

KARDEC, A ALMA DO MUNDO E O PANTEÍSMO



Como bom pedagogo, ao escrever seus livros para o grande público, Allan Kardec discutiu com os espíritos muitos tópicos da filosofia antiga e de sua época, sem ficar citando os autores. Alguns conceitos, hoje esquecidos, deviam ser muito conhecidos no meio intelectual francês do século XIX, e vez por outra, ao pesquisar as origens, esbarro em algum filósofo importante.



Em sua primeira publicação espírita, Kardec apresenta rapidamente o conceito de "alma do mundo" – "âme du monde" (O Livro dos Espíritos, questão 144), afastando a ideia de que os planetas são seres vivos, como pensava, por exemplo, Orígenes, em seu "Tratado sobre os princípios", no século III.

O dicionarista Ferrater Mora explica que o conceito de "alma do mundo" está em Platão, como uma "mescla harmoniosa pelo demiurgo das ideias e da matéria". É bem possível que Kardec tenha usado o termo platônico para questionar aos Espíritos, uma vez que ele considera Platão e Sócrates como precursores do Cristianismo e do Espiritismo.

No capítulo XI de A Gênese, Kardec refere-se a um conceito semelhante, o de "alma do

universo" (A Gênese, capítulo XI, parágrafo 28), em francês, "âme de l'univers".

Heráclito fala de uma "alma do universo", que é um "todo homogêneo" para onde volta a alma humana após a morte, perdendo sua individualidade e tornando-se homogênea.

Baruch Spinoza (século XVII) entendia Deus como sendo a "alma do universo", no sentido que era o "mecanismo imanente da natureza", ou seja, Deus é a natureza. Trata-se de uma concepção panteísta.

Allan Kardec, contudo, deixa claro que o Espiritismo não é panteísta em seu texto "As cinco alternativas da humanidade", publicado em Obras Póstumas. É um texto que não se

encontra na Revista Espírita, no período em que Kardec foi seu editor, deve ser, portanto, um texto do final de vida.

Spinoza é considerado o "monista por excelência", porque entende que tudo é uma única substância: Deus, o universo e o ser humano. Kardec, contudo, posiciona-se como dualista ou trinitário (trindade universal), uma vez que entende que há dois princípios ou substâncias, o material e o espiritual, e "acima de tudo Deus", cuja natureza (essência, substância) diferiria do espírito e da matéria. (O Livro dos Espíritos, questão 27)

O monismo de Spinoza pode ser lido em seu livro "Ética demonstrada à maneira dos geômetras". Na proposição XVI encontra-se a concepção de Deus como infinito, que resultaria na concepção de Deus como um intelecto infinito e causa primeira. (corolários I e III).

Há uma conexão entre o racionalismo de Descartes, Spinoza e a metafísica de Allan Kardec. •

Antropólogos de Oxford identificam 7 regras universais de Moralidade

(Segunda parte / final)



621. Onde está escrita a lei de Deus?
"Na consciência."

629. Que definição se pode dar da moral?

"A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus."

632. Estando sujeito ao erro, não pode o homem enganar-se na apreciação do bem e do mal e crer que pratica o bem quando em realidade pratica o mal?

"Jesus disse: vede o que quereis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso. Não vos enganareis."

O LIVRO DOS ESPÍRITOS
Capítulo I - Da lei divina ou natural



Dando sequência ao artigo iniciado na última semana, passamos à segunda e última parte do estudo. Bom proveito para todos nós!

• segunda parte •

A seguir, revisamos sete tipos de cooperação bem estabelecidos, [...] que a moralidade-como-cooperação nos leva a esperar que sejam considerados como moralmente bons, onde quer que se manifestem.

Alocação de recursos para parentes (Valores Familiares)

Os genes que beneficiam réplicas de si mesmos em outros indivíduos, ou seja, parentes genéticos, serão favorecidos pela seleção natural se o custo da ajuda for compensado pelo benefício auferido pelo(s) gene(s) receptor(es). Assim, a teoria evolutiva nos leva a esperar que, sob algumas condições, os organismos possuirão adaptações para detectar e prover benefícios (ou evitar fazer mal) aos parentes. Esta teoria da seleção de parentes explica muitos casos de altruísmo, em muitas espécies, incluindo os seres humanos. Comportamentos cooperativos: cuidar da descendência, ajudar os membros da família e evitar a reprodução em família.

Coordenação para vantagem mútua (Lealdade de Grupo)

A Teoria dos Jogos apresenta situações em que os indivíduos não sabem ao certo como

se comportar para produzir um benefício mútuo na forma de problemas de coordenação. Os seres humanos e outros animais usam uma variedade de estratégias — como pontos focais, tradições, liderança, sinalização, distintivos de filiação e "teoria da mente" — para resolver esses problemas e formar coalizões e alianças estáveis. Comportamentos cooperativos: formar amizades, participar de empreendimentos colaborativos, favorecer seu próprio grupo e adotar as convenções locais.

Intercâmbio social (Reciprocidade)

Na Teoria dos Jogos, os dilemas sociais [...] surgem quando os frutos da cooperação são vulneráveis à exploração por "caroneiros", que aceitam o benefício da cooperação sem pagar o custo. Este problema pode ser superado por uma estratégia de "cooperação condicional" ou "altruísmo recíproco", tal como "olho por olho, dente por dente". Evidências para vários aspectos da cooperação condicional foram encontradas em numerosas espécies animais, incluindo seres humanos. Comportamentos cooperativos: confiar nos outros, reciprocidade, buscar vingança, expressar gratidão e fazer as pazes.

Disputas entre falcões (Bravura) e pombos (Respeito)

Conflitos a respeito de recursos — alimento, território e parceiros — oferece às criaturas uma oportunidade de cooperar competindo de maneiras menos destrutivas. Há três maneiras de conseguir isso: disputas (com a exibição de comportamentos de "falcão" e "pombo"), divisão e posse.

A Teoria dos Jogos mostrou que os conflitos podem ser resolvidos através de "disputas", em que os indivíduos exibem indicadores confiáveis de sua "capacidade de luta", e se submetem ao mais "forte". Tais disputas são difundidas na natureza, e muitas vezes formam a base de hierarquias de dominância onde os recursos são alocados por "nível hierárquico". Os seres humanos têm um repertório semelhante de comportamentos relacionados ao status e hierarquias culturalmente elaboradas. Comportamentos cooperativos: exibições de dominância no estilo "falcão" (as "virtudes heróicas" de bravura, fortaleza, habilidade e sagacidade)

e exibições de submissão no estilo "pombo" (as "virtudes monásticas" de humildade, deferência, obediência e respeito).

Divisão (Equidade)

Quando o recurso disputado é divisível, a Teoria dos Jogos modela a situação como um "problema de negociação". Aqui, uma solução é dividir o recurso proporcionalmente ao poder relativo (barganha) dos protagonistas. No caso de indivíduos igualmente poderosos, isso resulta em partes iguais. Evidências de um "senso de equidade" vêm de reações adversas de primatas não-humanos ao tratamento desigual em jogos econômicos. No que diz respeito aos seres humanos, regras como "eu corto, você escolhe", "ficar no meio", "dividir a diferença" e "cada vez é um" são meios antigos e difundidos de resolver disputas. E "ações iguais" é uma regra de decisão espontânea e transculturalmente prevalente em jogos econômicos e situações semelhantes. Comportamentos cooperativos: dividir recursos disputados, assumir um compromisso, ser justo.

Posse (Direitos de Propriedade)

Finalmente, a Teoria dos Jogos mostra que os conflitos sobre os recursos podem ser resolvidos pelo reconhecimento da posse prévia. O reconhecimento da posse prévia é generalizado na natureza. Os seres humanos também se submetem à posse prévia em estudos com simulações, jogos experimentais (o "efeito de investidura"), a lei e as relações internacionais. A propriedade privada, de uma forma ou de outra, parece ser um universal transcultural. Comportamentos cooperativos: aceitação da posse prévia. [...]

A cooperação é considerada moralmente boa em todas as culturas?

Como vimos, a teoria da moralidade-como-cooperação prevê que formas específicas de comportamento cooperativo — ajudar parentes, ajudar o grupo, reciprocidade e benefícios, exibir traços de "águia" e "pombo", dividir recursos disputados, e respeitar a posse prévia — serão consideradas moralmente boas. Inversamente, a teoria prevê que as formas correspondentes de comportamento não cooperativo — negligenciar parentes, trair o grupo, "pegar carona", covardia,

desrespeito, injustiça, e roubo — serão consideradas como moralmente ruins. Além disso, a moralidade-como-cooperação prevê que, na medida em que esses problemas de cooperação são características universais da vida social humana, esses comportamentos cooperativos serão considerados moralmente bons em todos os sistemas morais, em todas as culturas — não haverá culturas em que qualquer um desses tipos de comportamento cooperativo sejam considerados moralmente ruins. Esses sete valores morais serão universais. [...]

Em uma extremidade do espectro, argumentou-se que a moralidade é universal. Uma declaração clássica dessa posição foi fornecida pelo filósofo David Hume (1751), que argumentou que os julgamentos morais dependem de um "sentido ou sentimento interno, que a natureza tornou universal em toda a espécie", e que, como resultado, certas qualidades — como "verdade, justiça, coragem, temperança, constância, dignidade da mente... amizade, simpatia, apego mútuo e fidelidade" — são "os princípios mais universais e estabelecidos da moralidade", "estimados universalmente, desde a fundação do mundo", "em todas as nações e todas as eras". Mais recentemente, o antropólogo Donald Brown (1991) afirmou que noções morais de reciprocidade, generosidade, empatia, etiqueta, hospitalidade, modéstia sexual e propriedade são universais, presentes em todas as sociedades.

No outro extremo do espectro, tem sido argumentado que a moralidade não é universal, mas varia dramaticamente. O filósofo John Locke (1690), por exemplo, argumentou: "Aquele que cuidadosamente examinar a história da humanidade, e olhar para as várias tribos de homens no exterior ... será capaz de confirmar por si mesmo, que quase não há um princípio de moralidade a ser nomeado, ou regra de virtude a ser considerada." [...]

Mais recentemente, o Conselho Executivo da Associação Antropológica Americana argumentou:

As ideias de certo e errado, do bem e do mal, são encontradas em todas as sociedades, embora difiram em sua expressão entre povos diferentes. O que é considerado um direito humano em uma sociedade pode ser

encarado como anti-social por outro povo, ou pelas mesmas pessoas em um período diferente de sua história.

E o filósofo Jesse Prinz (2007) concluiu que "é difícil encontrar exemplos de universais morais. As regras pelas quais as pessoas se orientam variam entre as fronteiras culturais". "Se há regras morais universais substanciais ou domínios morais, eles ainda não foram identificados". "As regras morais mostram uma variação surpreendente entre as culturas".



Assim permanece obscuro se as predições da moralidade-como-cooperação permanecem válidas através de todos os grupos culturais. Então, para fornecer um teste robusto dessas predições, de uma forma que supere as limitações da pesquisa anterior e resolva a incerteza persistente sobre a variação transcultural nos valores morais, examinamos o mérito moral dos sete comportamentos cooperativos em uma fonte única, homogênea e coerente de dados etnográficos de elevada qualidade, recolhidos a partir de uma amostra de 60 sociedades especificamente escolhidas para atuar como uma amostra o mais representativa possível da humanidade — uma amostra que proporcione a melhor possibilidade de identificar potenciais contra-exemplos à teoria.

Além de considerar o mérito moral desses comportamentos cooperativos, também consideramos sua frequência e distribuição entre a sociedade. Afinal, é possível que, mesmo que as predições da moralidade-como-cooperação sobre o mérito moral de comportamentos cooperativos sejam apoiadas, esses comportamentos e seus

valores morais correspondentes possam ainda ser raros, presentes em relativamente poucas sociedades, ou em apenas algumas regiões, mas não outras.

Discussão

Um levantamento de 60 sociedades diversas constatou que o mérito moral de sete comportamentos cooperativos foi uniformemente positivo. Em todas as sociedades para as quais havia dados, esses sete comportamentos cooperativos foram considerados moralmente bons. Não houve nenhum contra-exemplo, ou seja, sociedades em que estes comportamentos fossem considerados moralmente maus. A pesquisa também constatou que esses comportamentos cooperativos foram amplamente difundidos — com a maioria aparecendo na maioria das sociedades — e que eles foram observados com igual frequência em todas as regiões culturais.

Desta forma, estes resultados proporcionam um forte apoio à teoria da moralidade-como-cooperação, e nenhum suporte para as versões mais extremas do relativismo moral. Em suma, Hume estava certo, e Locke estava errado. Quando você "olha para as várias tribos de homens" há alguns comportamentos morais amplamente difundidos que não são "desprezados ou condenados" em outros lugares, e eles incluem precisamente aqueles comportamentos previstos pela moralidade-como-cooperação. Como Hume colocou: "a história não nos informa de nada novo ou estranho neste particular." A título de ilustração, "os valores morais reforçados durante a adolescência tradicional dos Amhara... [incluem]... a importância da lealdade aos parentes", e "menosprezar a obrigação de parentesco é considerado como um desvio vergonhoso, indicando um caráter maligno". Na Coreia, existe uma "ética comunitária igualitária [que inclui os valores de] assistência mútua e cooperação entre vizinhos [e] forte solidariedade com o grupo". "A reciprocidade é observada em todas as etapas da vida dos Garo [e] tem um lugar muito alto na estrutura social dos valores dos Garo". "Aqueles que se agarram às virtudes guerreiras ainda são altamente respeitados" entre os Maasai; "o ideal inflexível do supremo guerreiro [envolve] o compromisso ascético com o sacrifício próprio... no calor da batalha, como uma exibição suprema de lealdade

corajosa". Os Bemba exibem "um profundo senso de respeito pela autoridade dos anciãos". Os Kapauku têm um "ideia de Justiça" que é chamada de "Uta-Uta" (metade-metade)... [cujo significado] se aproxima bastante do que chamamos de equidade. E o "respeito pela propriedade dos outros é a pedra angular de todas as relações interpessoais" entre os Tarahumara. Como tal, e na ausência de quaisquer contra-exemplos, estas sete formas de comportamento cooperativo permanecem como candidatas plausíveis para as regras morais universais. [...]

E, naturalmente, o presente estudo tem seus limites. Em primeiro lugar, o estudo investigou o mérito moral de apenas sete comportamentos cooperativos — não investigou o mérito moral ou a prevalência dos outros traços cooperativos englobados pela moralidade-como-cooperação (tais como o perdão ou a generosidade). E resta verificar se a teoria pode ser estendida para fornecer explicações cooperativas de outros fenômenos morais, incluindo aqueles encontrados nesta revisão etnográfica — diligência e preguiça, falar a verdade e honestidade, castidade e fidelidade, hospitalidade e fofoca, as virtudes esperadas de um líder, algumas formas de pureza, e o comportamento esperado por deuses, espíritos e antepassados.

Em segundo lugar, o presente estudo empregou uma amostra de 60 culturas [...] Portanto, esta revisão não pode excluir a possibilidade de que existam outras sociedades — além dessas 60 — que tenham valores morais que forneçam contra-exemplos que refutem a teoria. [...]

Em terceiro lugar, a natureza do material de origem significava que éramos capazes de registrar apenas a presença (binária) ou ausência da moral cooperativa; não pudemos medir as variações dentro ou entre a sociedade na forma como esses vários valores morais foram mantidos ou endossados, ou como o conflito entre esses diferentes valores morais foi resolvido. Como tal, não pudemos testar a previsão de moralidade-como-cooperação de que, longe de serem idênticos, os sistemas morais variarão em função da variação no valor de diferentes tipos de cooperação sob diferentes condições — ou seja, na medida em que indivíduos (ou sociedades) enfrentam diferentes problemas de cooperação, e se beneficiam de diferentes

soluções, eles vão priorizar diferentes valores morais. Consistente com essa visão, nossa impressão do material de origem foi que, mesmo que todas as sociedades compartilhem os mesmos valores morais, elas variam na forma como os priorizaram ou os classificaram.

Em algumas sociedades, a família pareceu se sobrepor ao grupo; em outras sociedades era o contrário. Em algumas sociedades havia uma obrigação esmagadora de buscar vingança; em outras sociedades isso foi anulado pelo desejo de manter a solidariedade do grupo. E, claro, nosso estudo constatou que as obrigações morais para com os membros da família, do grupo, e para com os membros mais velhos da hierarquia eram relativamente frequentes, mas a reciprocidade (positiva) e a equidade eram relativamente raras. A moralidade-como-cooperação preveria que isso era em parte porque, em nossa amostra de sociedades, as interações cooperativas com parentes e indivíduos do grupo e de alto status ocorreram com mais frequência (ou conferiram maiores benefícios) do que as interações cooperativas com anônimos, ou estranhos de passagem de igual status. Mas mais pesquisas serão necessárias para testar esta conjectura.

Para superar essas limitações, o trabalho futuro deve ter como objetivo investigar o mérito moral de uma ampla gama de comportamentos cooperativos, em mais sociedades, utilizando métodos mais sofisticados. Os teóricos devem garimpar a literatura da Teoria dos Jogos para procurar mais relatos de cooperação que talvez possam explicar outros aspectos da moralidade, e eles devem investigar se a abordagem cooperativa pode ser estendida a aspectos ainda pouco compreendidos da moral, como as éticas sexual, religiosa e política. Os etnógrafos devem empregar novas técnicas estatísticas [...] E os psicólogos, antropólogos e historiadores também devem investigar a relação entre os valores morais particulares e os correspondentes indicadores de cooperação entre o indivíduo e a sociedade — tais como o tamanho da família e dispersão, tamanho do grupo, mobilidade, estratégia de subsistência, dependência do comércio, frequência de guerra, grau de desigualdade, estrutura política, estrutura etária, conjunto de recursos e tamanho do território. Estas previsões poderiam ser mais testadas através da coleta de novos dados sobre a gama

completa de valores morais, utilizando métodos de pesquisa e questionários, a partir de amostras transculturais representativas. Tal trabalho ajudaria a mover o foco do debate, da argumentação sobre se a moralidade varia ou não, para explicar precisamente como e por que ela varia, e, assim, orientar um meio caminho entre os extremos do absolutismo moral inflexível e o relativismo moral de "qualquer coisa serve", e em direção a uma visão de variação moral mais refinada em termos teóricos e mais tratável em termos empíricos.

Conclusão

Mostramos como a moralidade-como-cooperação, por meio do uso da Teoria dos Jogos, apresenta uma precisão teórica e um escopo explicativo que substitui as abordagens cooperativas anteriores sobre a moralidade. E mostramos como uma das predições centrais da teoria — que a cooperação é sempre e em todos os lugares considerada moral — é apoiada por uma extensa pesquisa transcultural de valores morais. Como tal, removemos dois grandes obstáculos à adoção mais ampla da teoria. Assim, recomendamos a moralidade-como-cooperação para o campo de pesquisas da Antropologia, e incentivamos os colegas antropólogos a se juntarem a nós na avaliação de suas diversas outras implicações. •

Is It Good to Cooperate? Testing the Theory of Morality-as-Cooperation in 60 Societies
Oliver Scott Curry, Daniel Austin Mullins,
and Harvey Whitehouse

Oliver Scott Curry é Pesquisador Sênior, Daniel Austin Mullins é Pesquisador Pós-doutoral e Harvey Whitehouse é responsável pela Antropologia Social no Instituto de Antropologia Cognitiva e Evolucionária da Universidade de Oxford.

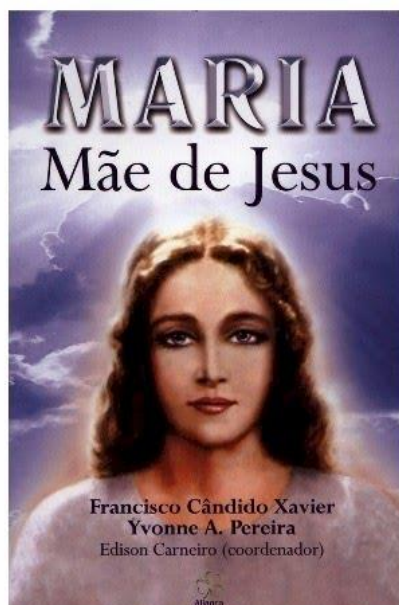
Fonte:

<https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/701478>

A Universidade de Oxford é uma instituição de ensino superior pública situada na cidade de Oxford, no Reino Unido. É a mais antiga universidade do mundo anglófono e a segunda mais antiga da Europa. Sem data certa de fundação, existem evidências de ensino no local desde o ano de 1096. Wikipédia



Márcio Xavier e Carlos Alberto Pereira são Coordenadores do "Departamento de Livraria, Biblioteca e Videoteca – DLBV"



TÍTULO: MARIA MÃE DE JESUS
AUTORES: Diversos Espíritos
MÉDIUNS: Francisco Cândido Xavier e Yvone do Amaral Pereira
ORGANIZADOR: Edison Oliveira Carneiro
EDITORA: Aliança
1ª EDIÇÃO: 2013
PÁGINAS: 192



Contém preces e depoimentos escritos por encarnados e desencarnados. Nesta antologia, estão reunidos textos considerados fiéis à realidade, que permitem uma visão fidedigna de Maria, cujas fontes são: os Evangelhos,

principalmente o de Lucas, mensagens transmitidas por Chico Xavier e informações do livro "Memórias de um Suicida", que apresenta a ação dos servidores de Maria.



EXPEDIENTE

Informativo semanal da AECX
 Diretoria de Comunicação
 Editor Responsável: João Parreira
 Redação Geral: André Brasil
 Redação Edições LEE: Márcia Xavier
 Design e Composição: Deyler Paiva

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CÉLIA XAVIER

www.aecx.org.br